

## **ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PARA INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO CONTEXTO PÓS-PANDEMIA DA COVID-19: DESAFIOS E POSSIBILIDADES**

Francisco André Souza Rios <sup>1</sup>  
Larissa Camila Martins de Oliveira <sup>2</sup>

### **RESUMO**

A incidência de educandos com autismo está crescente na educação atual. Essa demanda exige uma preparação eficaz e organizada do corpo docente. À vista disso, o objetivo desta investigação visa avaliar os possíveis desafios dos profissionais da educação no que tange a aprendizagem de alunos autistas em suas readaptações à modalidade presencial de ensino no contexto pós-pandemia da Covid-19 e propor algumas atividades inclusivas. A pesquisa consiste em um estudo descritivo-exploratório, executado com uso de grupos focais e entrevistas semiestruturadas com professores, gestores e psicopedagogas de uma escola situada no município de Marco no Ceará. Por meio dos procedimentos, buscou-se contribuições pedagógicas com estratégias metodológicas e didáticas mitigadoras, com vistas a implementá-las na escola participante. A comunidade autista está entre aquelas consideradas público-alvo das políticas de inclusão, as quais afirmam que o acesso desses cidadãos nas instituições de ensino, em especial em escolas regulares, é um direito assegurado pela Constituição Federal do Brasil e, portanto, que o uso de estratégias e adaptações na intermediação dos componentes curriculares é relevante para a eficácia no processo de inclusão educacional. Os resultados deste trabalho apontam que não há pesquisas suficientes que abordem o processo de ensino e aprendizagem para esses estudantes, existindo, portanto, uma lacuna de estudos que orientem na construção do conhecimento nessa área. As pesquisas realizadas revelam também que o planejamento de ensino é essencial para a promoção de uma aprendizagem significativa entre esses estudantes, pois as estratégias utilizadas devem considerar a singularidade de cada aluno. A partir dos procedimentos realizados, conclui-se que as estratégias de ensino proferidas pelos participantes podem ser adaptadas para a inclusão de discentes autistas, e que precisam constar no currículo escolar, de modo que esse público se sinta participante no processo de ensino e aprendizagem e ativo na aquisição do conhecimento. Dessa forma, tendo como referência os relatos de experiência dos participantes desta pesquisa, em conjunto com o referencial dos principais autores da psicopedagogia e neurociência, construiu-se um produto educacional como forma de suporte aos profissionais da educação no trabalho inclusivo com os discentes autistas.

**Palavras-chave:** Educação Inclusiva, Transtorno do Espectro Autista, Estratégias Metodológicas, Formação Docente.

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE, [francisco.andre.souza05@aluno.ifce.edu.br](mailto:francisco.andre.souza05@aluno.ifce.edu.br)

<sup>2</sup> Mestra em Ensino e Formação Docente do Programa de Mestrado em Ensino e Formação Docente da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB - CE, [larissa.camila@ifce.edu.br](mailto:larissa.camila@ifce.edu.br)

## INTRODUÇÃO

Em se tratando do Transtorno do Espectro Autista (TEA), nota-se que a incidência de indivíduos com essa singularidade está evoluindo progressivamente em todo o mundo. Conforme dados do Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos da América (CDC) uma a cada 36 crianças, possui diagnóstico autístico em 2024. Nessa perspectiva, a prevalência de pacientes com o transtorno tem ocorrido de maneira exponencial, o que pode ser constatado em dados anteriores, a exemplo, em 2004, o número divulgado pelo CDC era de 1(uma) em cada 166 ocorrências (Caxias do Sul, 2024). Esses dados interferem de forma significativa na educação atual do país, uma vez que os índices infanto-juvenis com o TEA, presentes em salas de aula regulares aumentou em 50% entre os anos de 2022 e 2023 consoante informações do Censo de Educação Básica (Carta Capital, 2024).

As pessoas com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) são propícias à evasão escolar espontânea, fato este agravado pelas metodologias educacionais pouco especializadas, as quais não atendem às singularidades inerentes do transtorno:

A extensa carga horária de estudos, a necessidade de autonomia e o uso de mídias sociais no desenvolvimento de atividades escolares representaram obstáculos para o estudante com TEA, visto que requerem planejamento e organização de sua rotina escolar e que reduziram o tempo disponível para o estudo extraclasse. (Vasconcellos *et al*, 2020).

Nesse ínterim, por possuírem a tendência de segregação social muito evidente, agravada devido às dificuldades comunicativas e de linguagem, o público-alvo, necessita de atividades práticas que incentivem a conversação construtivista no cenário escolar, além da mobilização do afeto e atenção dos educadores e de toda a comunidade diante dos comportamentos-problema. No ambiente educativo, as peculiaridades dos estudantes autistas transformam o processo de ensino e aprendizagem que, por sua vez, atua no desempenho progressivo nas salas de aula. Portanto, o investimento em pesquisas sobre esse assunto está se tornando cada vez mais necessário.

Concordando com Libâneo (2018), o processo de ensino e aprendizagem acontece quando os envolvidos estão bem articulados e possui finalidade geral de “estimular a assimilação ativa dos conhecimentos sistematizados, das capacidades,

habilidades e atitudes necessárias à aprendizagem” (Libâneo, 2018, p. 43). Esse ambiente, bastante fundamental para o desenvolvimento individual e coletivo, precisa estar em coerência com o respeito mútuo entre as diferenças, como forma de caracterizar um sítio público e democrático.

Com o avanço da contaminação do coronavírus, em 2020, surgiu a necessidade do isolamento social, ocasionando a suspensão temporária do ensino físico para o remoto. O que perdurou dois anos de ensino remoto em todo o Brasil, dessa forma, percebeu-se que o corpo discente não se adaptou a esse ritmo educativo a curto prazo, haja vista que o universo cibernético está intrinsecamente alinhado para fins de entretenimento e atividades lúdicas para as crianças e adolescentes (Araújo et al, 2022).

Entretanto, a atuação da *práxis* docente requer outros fundamentos relacionados, como: a formação apropriada de educadores para intermediar o ensino, em conjunto com estudantes que apresentam limitações educacionais; a recomposição da instituição escolar e a constituição de uma cultura inclusiva que envolva todos os protagonistas na comunidade escolar: papel fundamental que não deve estar atrelado somente na figura dos professores. Em suma, reafirma-se que é de fundamental importância, a progressão de estratégias multipedagógicas para um ensino eficiente e dar seguimento para potencializar o processo de ensino e aprendizagem. (Alves, 2016).

Desse modo, quando se versa sobre a inclusão de educandos pertencentes à comunidade autista no universo educacional, pressupõe-se uma atenção e, ao mesmo tempo, competências da instituição concedente para o atendimento no serviço educacional desse público. No entanto, apesar do que está assegurado na legislação, ainda apresentam carências no acesso de indivíduos com limitações educacionais à escola regular sem a devida devolutiva de recursos e práticas especializadas para a atuação frente a esses alunos.

Devido às peculiaridades que abrangem a aquisição do conhecimento de discentes que apresentam o Transtorno do Espectro Autista, este estudo preserva a importância de uma intermediação pedagógica que promova a inclusão e o desempenho progressivo desses estudantes no sistema educacional, especialmente no ensino regular.

Sob essa óptica, fundamenta-se a intenção em executar esse estudo que se objetiva analisar as opiniões dos profissionais da educação através dos relatos de experiência sobre o desenvolvimento de ensino e aprendizagem de estudantes que vivenciam o transtorno do autismo envolvendo sua rearticulação no período pós-pandêmico, dado que as estratégias de ensino adequadas, quando articuladas

corretamente, podem promover em uma abordagem mais abrangente de melhorias no que foi objetivo, planejado e concretizado. (Alves, 2016).

Para tanto, este trabalho possui o objetivo principal de investigar os percalços dominantes da equipe multiprofissional pedagógica no que concerne a devida acolhida para os alunos autistas no retorno ao contexto educacional físico após às medidas sanitárias da Covid-19, investigando o contexto contemporâneo, com uso de entrevistas semiestruturadas com esses profissionais, almejando contribuições com estratégias metodológicas e didáticas mitigadoras com vistas a oportunizar futuras implementações nos seus trabalhos docentes.

## **METODOLOGIA**

O percurso metodológico desta investigação tem abordagem qualitativa, que, conforme Silveira e Córdova (2012) se atenta em aprofundar a compreensão de um grupo ou sujeito social, em que obedece a uma estrutura das ações de descrever, compreender e explicar um determinado fenômeno e suas implicações nesse grupo ou indivíduo.

O referido estudo é de natureza básica ou fundamental, uma vez que possui como principal finalidade gerar conhecimentos para a ciência sem que estes tenham uma aplicação prática previamente detalhada. Quanto ao método científico, recorreu-se ao Método Indutivo, haja visto que, partindo de percepções pontuais dos participantes, tirou-se deduções gerais sobre um fenômeno avaliado.

No que se refere ao tipo de estudo, conforme Gil (2008), a pesquisa na modalidade descritiva, tem como objetivo principal a descrição das características de um dado fenômeno estudado, bem como a designação das relações entre variáveis. Ainda, segundo o autor, considerando a modalidade descritiva, algumas pesquisas podem apresentar também uma óptica mais inovadora acerca da problemática em estudo, partindo para o conceito de pesquisas exploratórias. À luz desses apontamentos, essa pesquisa se estabeleceu como do tipo descritivo-exploratório.

A pesquisa foi realizada em uma escola localizada em um município do interior cearense. Os sujeitos participantes do estudo foram os profissionais da educação atuantes na escola. Como critério de inclusão, participaram da pesquisa os profissionais que estiveram trabalhando diretamente com alunos autistas. Os indivíduos que não foram alvo dessa pesquisa, estavam os demais professores e profissionais, os quais não

estariam atuando de forma direta com o público-alvo e que não caberiam diretamente nos objetivos do estudo, por não terem vivido tantas experiências no decurso pedagógico, que poderiam contribuir para os resultados da pesquisa.

A coleta das informações se concretizou através de grupos focais (GFs), visando apurar, de forma compartilhada e interativa, as informações atinentes à trajetória pedagógica dos participantes relativo a alunos autistas e suas percepções de médio a longo prazo. Nesse sentido, foram organizados em três encontros: o primeiro destinado aos professores, os dois últimos direcionados à gestão escolar e duas psicopedagogas, respectivamente.

O processo de análise das informações obtidas nas entrevistas seguiu três etapas: pré-análise; exploração do material; tratamento e interpretação dos dados, recorrendo-se à técnica de análise de conteúdo temática por frequência (Bardin, 2011). Na primeira delas, foi realizada uma leitura exploratória dos encontros com o intuito de compreender o cenário que se encontram os relatos. Na etapa seguinte, o material foi revisitado para a realização dos recortes do texto com a finalidade de estabelecer as categorias de análise.

Na fase de tratamento e interpretação dos dados, duas categorias analíticas principais foram definidas, assim como as subcategorias, criadas a partir dos discursos proferidos pelos participantes, que foram interpretadas e analisadas. Para apresentação das categorias e dos resultados encontrados, recorreu-se à construção de dois gráficos (gráficos 2 e 3) para cada categoria.

Atendendo às normas éticas, este estudo observou aquilo que consta nas resoluções do Conselho Nacional de Saúde/CNS no 466/2012 e 510/2016. Essas resoluções tratam e enfatizam a importância da ética em pesquisas envolvendo seres humanos, onde devem ser resguardadas a liberdade, dignidade e autonomia, para garantir os direitos e deveres dos participantes da pesquisa. Todos os sujeitos foram informados do caráter voluntário e sigiloso da presente investigação e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Com os procedimentos realizados durante o estudo, supunha-se alguns percalços no que se refere à marcação de horários com os participantes; entretanto, fez-se possível adequar as execuções dos GFs com as reuniões pedagógicas periódicas da instituição de ensino concedente. Dessa forma, esperava-se que muitos dos

envolvidos não tivessem o contato com educandos autistas, o que representou a grande maioria dos profissionais.

Ao final da apresentação inicial aos gestores e demais membros-alvo da pesquisa, alguns exemplares impressos do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foram distribuídos aos envolvidos, os quais foram assinados pela grande maioria dos presentes, tendo a decisão dos profissionais desistentes respeitada. Em seguida, deu-se início à execução. As perguntas foram proferidas de forma oral, e consignadas em um caderno. Ressalta-se que, para anotar cada resposta proferida pelos participantes, o pesquisador recorreu à colaboração de um auxiliar, que registrava de forma manuscrita as falas dos envolvidos, enquanto dirigia os encontros.

A coleta dos dados durante as pesquisas podem contribuir com o fomento de políticas públicas com práticas inclusivas à comunidade autista no contexto educacional, uma vez que possibilitou aos participantes a troca mútua de conhecimentos adquiridos nas suas vivências pedagógicas, situações e comportamentos-problema e a mitigação de problemáticas dominantes; Todavia, foram socializadas algumas estratégias didáticas com vistas a dispor ambientes adaptados mais agradáveis para o ensino-aprendizagem de alunos com deficiência.

Conforme as contribuições descritas durante os grupos focais, permitiu-se o uso de reflexões no que diz respeito aos desafios encontrados na trajetória docente envolvendo a convivência com o corpo discente autista; dificuldades que se apresentam de forma elevada quando se trata da ausência de políticas públicas educacionais no incentivo de formações continuadas especializadas desses profissionais no tratamento de pessoas com deficiência.

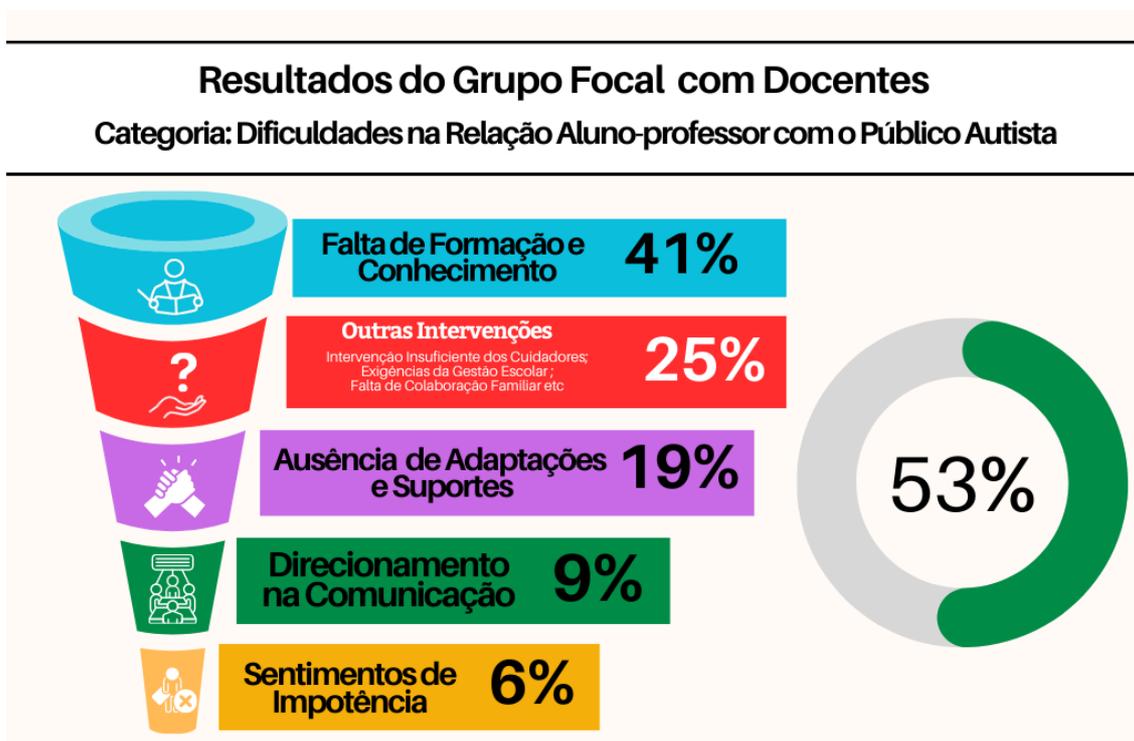
Concordando com González et al (2021), o qual aponta que o desempenho escolar e afetivo do alunado com TEA está diretamente ligado à preparação adequada do magistério, tendo em vista que as estratégias metodológicas que esses profissionais utilizam, quando auxiliadas com a formação acadêmica precisa e pontual, favorecem a promoção de práticas inclusivas. No entanto, a ausência de adaptações e estratégias do corpo docente pode refletir na construção de obstáculos para a aprendizagem e a participação ativa dos educandos com autismo. (González et al, 2021).

Através dos dados coletados no primeiro grupo focal que realizado com os professores atuantes na escola-campo, fez-se possível analisá-los, tomando por referência a análise temática por frequência (Bardin, 2011). Visando identificar a maior incidência das temáticas exploradas com a progressão experimental desta pesquisa.

Com essa exploração, classificou-se duas grandes categorias principais: Dificuldades na Relação Aluno-professor com o Público Autista, com 53% dos registros e Dificuldades Individualizadas do Transtorno do Espectro Autista, atingindo 47% das ocorrências coletadas.

Com base na classificação inicial, informações secundárias puderam ser estabelecidas (gráfico 1), a saber, para as dificuldades docentes, foram destacadas a falta de formação e conhecimento (41%); falta de adaptações e suportes (19%); os desafios no direcionamento da comunicação (9%); Sentimentos de Impotência (6%) e os demais empecilhos, movidos por intervenções extrínsecas (25%).

Gráfico 1: Resultados da Análise Temática das Dificuldades na Relação Aluno-professor com o Público Autista.



Fonte: Autores, 2024.

Com essa primeira análise, percebeu-se que a ausência de preparação político-pedagógica se apresentou muito elevada, isso reflete que, quando se trata das dificuldades dos professores e demais protagonistas da educação, os participantes entenderam que as carências na formação acadêmica adequada para atender às necessidades dos educandos autistas é evidente na atual contexto educacional. Diante disso, através de uma orientação precisa e direcionada para o TEA, faz-se possível que

os professores realizem as devidas adaptações em sala de aula, bem como possa entender como funciona o cérebro atípico, com vistas a intermediar o ensino diante das reações e comportamentos-problema.

No que se refere à segunda categoria que evidencia as problemáticas individuais dos alunos autistas (gráfico 2), mostra que as principais recorrências se referiam à exclusão social diante de atitudes preconceituosas (19%); em segundo lugar, a temática mais recorrente dessa categoria foram as crises nervosas e as inquietações (14%); teve-se destaque também as exclusões sociais voluntárias (13%); sedentarismo (9%); outras dificuldades (45%), o que comprova os estudos de Camargo; Givigi; da Silva (2023) em que os estigmas predominantes do autista envolvem dificuldades interacionais, as quais reforçam condutas de exclusão. Necessitando, dessa forma, de orientações e incentivos que motivem a pronta execução de atitudes respeitadas e altruístas, as quais atendam às singularidades das diversas deficiências e favoreçam a inclusão, como forma de possibilitar que esse alunato acompanhe o processo educativo de forma equitativa.

Gráfico 2: Resultados da Análise das Dificuldades Individualizadas do Transtorno do Espectro Autista.



Fonte: Autores, 2024.

Com a realização das pesquisas com os professores, foi possível inferir que esses profissionais se sentem despreparados quando se trata do devido tratamento e orientação adequados para a correta inclusão dos educandos com autismo. De fato, os participantes alegaram que eles não receberam a formação pedagógica especializada; além de não possuírem o suporte político-pedagógico prático adequado que favoreça o convívio e orientações precisas no direcionamento do ensino envolvendo as características inerentes da deficiência, em especial, para situações conflitantes.

Nesse sentido, a necessidade dos professores de propor estratégias metodológicas ativas e inclusivas que visem mitigar esses efeitos se fazem bastante presentes. Para tanto, é preciso que estes profissionais recebam a formação adequada para suprir essa demanda que é emergente nos dias atuais.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo deste estudo foi avaliar as opiniões dos profissionais da educação a despeito do desenvolvimento de ensino e aprendizagem de estudantes que vivenciam o transtorno do espectro autista envolvendo sua readaptação presencial no período pós-pandêmico da Covid-19, almejando identificar possibilidades com estratégias metodológicas e didáticas utilizadas comumente pelos docentes envolvidos que possam contribuir para o desenvolvimento acadêmico e pessoal desse público.

Com base na investigação feita a partir da análise de encontros pedagógicos, realizados por grupos focais e entrevistas semiestruturadas com os preceptores, percebeu-se que o debate ainda está prevalente no que diz respeito às questões clínicas deste transtorno. Nesse sentido, foi notado, que alguns profissionais enfrentam desafios ao tentar implementar métodos de ensino para facilitar a inclusão educacional desses alunos.

Esse impasse é ainda consistente em relação à precária formação docente voltada para alunos com TEA. Essa área do conhecimento não abrange os currículos da maioria dos envolvidos nesta pesquisa. Outra relação que impacta esse cenário pode estar associada à falta de oportunidades dos profissionais de educação em suas graduações no que diz respeito a disciplinas práticas voltadas para o atendimento a esses estudantes e principalmente ao trabalho pedagógico articulado a outros educandos, considerando as especificidades individuais.

No entanto, esta investigação pode atuar de maneira positiva em mostrar a defasagem em estudos sobre autismo e educação, especificamente no âmbito curricular nas matrizes dos cursos de formação inicial voltados para a educação (Licenciaturas, Pedagogia e outros), bem como os desafios relatados pelos profissionais da educação na inclusão da comunidade autista, revelando a necessidade de pesquisas que envolvam o fomento de estratégias pedagógicas que favoreçam o processo de ensino e aprendizagem desses estudantes nas escolas regulares.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Luziane Brandão. Estratégias metodológicas no ensino de Ciências e Biologia para alunos com diagnóstico de autismo. 64f. Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cruz das Almas, 2016.

ARAÚJO et al. Tecnologias educacionais para abordagens de saúde com adolescentes: revisão integrativa. SciELO, 2022. Disponível em:  
<<https://doi.org/10.37689/acta-ape/2022AR03683>>. Consultado em 13 fev. 2024.

BAPTISTA et al. Health interface: the school in the post-pandemic recovery and training of professionals in the public network. Cuadernos de Educación y Desarrollo, 2024, p. 10.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições. v. 70, 2011.

CAXIAS, do Sul. Dia Mundial de Conscientização do Autismo 2024. Prefeitura de Caxias do Sul, 2024. Disponível em: <<https://educacao.caxias.rs.gov.br/noticias/2024/04/dia-mundial-de-conscientizacao-do-autismo-2024>>.

EM um ano, 200 mil alunos com autismo são matriculados em salas de aula comuns. Carta Capital, 2023. Disponível em  
<<https://www.cartacapital.com.br/educacao/em-um-ano-200-mil-alunos-com-autismo-sa-o-matriculados-em-salas-de-aula-comuns/>>. Consultado em 8 jun 2024.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONZÁLEZ et al. La Preparación de los Maestros para Estimular la Socialización de los Educandos con Autismo en Condiciones de Inclusión. Revista Brasileira de Educação Especial, 2021. v. 27. <https://doi.org/10.1590/1980-54702021v27e0197>.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 2018. 9. ed. p. 43.

SILVEIRA, Denise; CÓRDOVA, Fernanda. A Pesquisa Científica. Unidade 2: São Paulo, 2012.

SILVEIRA et al. Planejamento Educacional Individualizado de Estudante com Autismo na Universidade. Psicologia Escolar e Educacional, 2023. v. 27. <https://doi.org/10.1590/217535392023238308>.

VASCONCELLOS, S. P.; RAHME, M. M. F.; GONÇALVES, T. G. G. L. Transtorno do Espectro Autista e Práticas Educativas na Educação Profissional. Revista Brasileira de Educação Especial. 2020, v. 26, n. 4, pp. 555-566.

ZORZETTO, R. O cérebro no autismo. In: Pesquisa Fapesp, n. 184, p. 16, 2011.